



## Prevenção em Drogas: Maximizando Resultados por Meio de Dinâmicas de Grupo\*

### Introdução

O uso indevido de drogas tem se tornado cada vez mais freqüente na sociedade, sendo reconhecido como uma ameaça à população em geral. Este quadro não se faz diferente no meio universitário da Unioeste, surgindo a necessidade de criar estratégias que ofereçam subsídios aos acadêmicos que se encontram suscetíveis ao uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas.

Acreditamos que a educação deve ocorrer na forma de construção, ou seja, os aprendizes devem ser os agentes de seu próprio aprendizado, mas, para tanto, eles necessitam ser instrumentalizados.

Freire (1983), observa que a instrumentalização deve ser algo mais que a simples preparação de quadros técnicos. Depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica deste ser – situado e temporalizado – e as condições especiais desta temporalidade e situacionalidade.

A população alvo desta atividade foram acadêmicos, em sua maioria, adolescentes dos primeiros anos dos cursos de Enfermagem, Odontologia, Fisioterapia, Medicina, Farmácia, Ciências Biológicas e Serviço social.

A adolescência é um período de alta vulnerabilidade, relacionada às mudanças físicas e psicológicas. Por isso, ressalta-se a importância da prevenção ao uso de drogas no espaço universitário.

Taylor (1992) considera que a adolescência corresponde ao período de 12 a 18 anos, podendo estender-se, segundo outros autores, até os 20 anos.

Para Osório (1989), a adolescência tem características particulares de acordo com o ambiente sócio-cultural do indivíduo, fato que torna difícil sua delimitação cronológica – principalmente de seu término –, pois, conforme o autor anterior-

Patrícia Rodrigues<sup>1</sup>, Solânia Durman<sup>2</sup>, Ana Cristina Damiam<sup>3</sup>, Vera Lúcia Martins<sup>4</sup>, Salete Scheid<sup>5</sup>, Elionésia Marta dos Santos<sup>6</sup>, Verena Medeiros de Florenço<sup>7</sup>, Julia Cibelle Morales<sup>8</sup>, Núbia Nascimento<sup>9</sup>

### Resumo

Este trabalho é uma das atividades do projeto de “Instrumentalização da População acadêmica da Unioeste e familiares de calouros com relação a substâncias psicoativas”, financiado com recursos do MEC/SESu, é vinculado ao “Programa de prevenção e ressocialização relacionado ao uso de substâncias psicoativas na Unioeste”. A equipe é composta por docentes e discentes dos cursos de enfermagem, medicina, serviço social e servidores técnico-administrativos da Universidade. Para tanto, propõem-se ações de prevenção, por meio de dinâmicas de grupos com os calouros, que irão vivenciá-las de forma lúdica, refletindo sobre as práticas que podem levar ao uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas. Acreditamos que a prevenção é o caminho para trabalhar com os possíveis problemas gerados pelas drogas. Porém, não somos ingênuos ao pensar que sensibilizaremos 100% dos acadêmicos, mas considerando a problemática enfrentada com as drogas, por menor que seja nosso alcance, faremos a diferença, pois trabalhar com prevenção e promoção da saúde é uma ação a longo prazo.

**Palavras-chave:** prevenção em drogas; dinâmicas de grupo; acadêmicos.

\* Relato de experiência, resultado da atividade do Projeto “Instrumentalização da população acadêmica e familiares de calouros em relação a prevenção em drogas”.

<sup>1</sup> Enfermeira. Especialista em saúde pública com ênfase em saúde mental. Docente do colegiado de Enfermagem da Unioeste.

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestre em Assistência de Enfermagem. Docente do colegiado de Enfermagem da Unioeste.

<sup>3</sup> Psicóloga. Técnico-administrativo da Reitoria, coordenadora do programa de prevenção em drogas na Unioeste. Email: durman@terra.com.br.

<sup>4</sup> Assistente Social. Mestre em Serviço Social. Docente do Colegiado de Serviço Social de Toledo.

<sup>5</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Enfermagem da Unioeste. Bolsista do programa de prevenção em drogas.

<sup>6</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Enfermagem. Membro integrante do programa de extensão.

<sup>7</sup> Acadêmica do 2º ano do curso de Medicina, participante do programa.

<sup>8</sup> Acadêmica do 2º ano do curso de Medicina, participante do programa.

<sup>9</sup> Acadêmica do 2º ano do curso de Medicina, participante do programa.

mente citado, ocorre quando se adquire identidade sexual, independência financeira, um sistema de valores pessoais e relação de reciprocidade com os pais, podendo ocorrer em algumas culturas por volta dos 25 anos.

Considerando que a população alvo desse trabalho sejam indivíduos ainda na adolescência, com a cultura de ser cuidado pela família, acredita-se ser necessário ensiná-los o auto-cuidado, para assim poder, assistir outras pessoas.

Paterson e Crawford (1994) justificam o cuidado nas relações acadêmicas, entre docentes e discentes. Sugerem que estudantes de cursos da saúde e cursos afins implementem práticas e comportamentos de cuidar, que os mesmos experimentem o cuidado, tanto na vida pessoal, quanto no ambiente educacional. E também que demonstrem comportamentos de cuidado, que sejam pessoas autônomas, decididas e responsáveis, além de terem um ambiente de confiança e respeito. É preciso, igualmente, oportunizar o desenvolvimento do pensamento crítico.

O cuidado humano, pensado como um processo que envolve crescimento, deve, por sua vez, na área de educação, ter como meta tal ideologia, ou seja, acreditar que todas as pessoas sejam capazes de crescer, empreendendo esforços no sentido de alcançar a sua auto realização (Waldow, 1998).

Com relação à educação para o cuidado, Cohen (apud Waldow, 1998) considera que existem algumas considerações a serem reveladas, tais como conhecer o cuidado ou o que este engloba em sua plenitude. Isso inclui experienciá-lo; considerar o cuidado como processo interativo, para além de uma ação puramente técnica; transmitir e demonstrar comportamentos de cuidado favorecendo um clima em que estudantes aprendam a totalidade do cuidado e reconheçam as pessoas como seres totais, bem como sua integridade; promover o autoconhecimento e o conhecimento do outro ser, por meio de atividades e de experiências que desenvolvam a confiança mútua e o respeito; e estabelecer a corporificação do cuidado humano como uma norma ética na prática dos profissionais de saúde, constituindo-se nisso meta curricular.

Este trabalho é uma das atividades que visa cumprir as metas do projeto de “Instrumentalização da População acadêmica da Unioeste e familiares de calouros com relação a substâncias psicoativas”, financiado com recursos do MEC/SESu.

Está vinculado ao “Programa de prevenção e ressocialização, relacionado às questões relativas ao uso de substâncias psicoativas na Unioeste”.

A equipe é composta por docentes e discentes dos cursos de enfermagem, medicina, serviço social e servidores técnico-administrativos da Universidade. O projeto não preconiza fórmulas mágicas para abordagem de dependência química, mas busca realizar trabalhos no campo da prevenção, procurando encontrar caminhos que se aproximem o máximo possível da demanda apresentada na Unioeste.

Para tanto, propõem-se ações de prevenção, por meio de dinâmicas de grupos com os calouros, que irão vivenciá-las de forma lúdica, repensando o que pode levá-los ao uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas, amenizando o sofrimento gerado pela vida acadêmica. Sofrimento, este, advindo de fatores como: distância da família de origem, a solidão, a necessidade de vinculação a novos grupos de amigos, a vulnerabilidade e a inversão de valores aceitáveis pela sociedade como conseqüências do uso, dentre outros fatores.

## Objetivos

Interagir e refletir com acadêmicos de primeiro ano dos cursos de enfermagem, medicina, odontologia, fisioterapia, farmácia e serviço social sobre questões relativas ao uso e dependência de substâncias lícitas e/ou ilícitas.

## Metodologia

Esse é um trabalho do tipo relato de experiência, a partir de vivências realizadas em sala de aula, com os acadêmicos dos primeiros anos dos cursos da saúde/Campus de Cascavel e Serviço Social/Campus de Toledo, onde utilizou-se a estratégia didático-pedagógica de dinâmicas de grupo, com o intuito de suscitar discussões sobre uso de drogas.

Para tanto, estamos utilizando a terminologia de dinâmica de grupo citada, como sendo:

uma forma de trabalho didático e pedagógico baseado no prazer, na vivência e na participação em situações reais e imaginárias, onde por meio de técnicas de dinâmica de grupo, jogos dramáticos e outros, os participantes conseguem através da fantasia, trabalhar situações concretas. (LOPES, 2001, p.145)

As dinâmicas de grupo foram desenvolvidas pelos docentes, servidores técnico-administrativos e discentes envolvidos no programa. Os integrantes do programa foram instrumentalizados, anteriormente, por meio de treinamento realizado pela consultora Vera Miranda do Ministério da Saúde/RS.

Este treinamento trouxe dez discentes para o programa, viabilizando esta atividade das dinâmicas de grupo. Para agendamento desta atividade em sala de aula, os docentes das turmas dos calouros foram previamente avisados por meio do envio de cartas para os respectivos colegiados, que autorizaram, conforme disponibilidade de horários.

As dinâmicas escolhidas para trabalhar com os acadêmicos foram: 1. Do que você depende: foram oferecidos diversos tipos de profissões, de comidas e sentimentos, oportunizando-os a fazer escolhas por preferências; 2. Dinâmica de sobrevivência: nesta dividiu-se a turma em quatro grupos, simulando uma situação de perigo onde eles deveriam estabelecer critérios de sobrevivência para o grupo; 3. Atitudes permitidas e proibidas no nosso dia-a-dia: sugeriu-se aos acadêmicos que escrevessem três atitudes consideradas permitidas ou proibidas no seu dia-a-dia; num segundo momento os papéis foram colocados em uma balança, gerando reflexão com a turma.

## Desenvolvimento

Atualmente, a discussão na mídia e nos meios escolares sobre drogas é amplamente repetitiva, considerada pelos adolescentes como maçante, obtendo pouca repercussão.

A preocupação da equipe do programa é desmistificar essa idéia de prevenção, pensando nesse acadêmico como o adolescente hoje, caminhando rumo à vida profissional.

A abordagem didático-pedagógica utilizada foi baseada em oficinas de dinâmicas de grupos em salas de aula, nos cursos da área da saúde e serviço social. No contexto do uso de substâncias lícitas ou ilícitas, no espaço universitário, lançamos mão da avaliação realizada pelos acadêmicos em relação à técnica utilizada para discutir a prevenção em drogas como parâmetro para análise.

A avaliação dos acadêmicos em relação a essa estratégia de trabalho variou entre observa-

ções como, por exemplo, “é importante ter alguém chamando a atenção dos adolescentes para que possam ter escolhas próprias”.

Alguns afirmaram que a forma de abordagem foi diferenciada e os jovens precisam disso. Ainda consideram cansativas as palestras que dizem sempre as mesmas coisas da mesma forma. Sugerem o desenvolvimento de mais atividades como dinâmicas, suscitando a sensibilização dos jovens, reforçando o que sempre ouviram dos pais. Acreditam em uma forma diferente de analisar esta questão, uma maneira que faz parar para refletir a partir de um outro ponto de vista.

Porém, ao longo das discussões, também surgiram controvérsias quanto à estratégia utilizada para tratar do assunto prevenção em drogas. Como, por exemplo: “Interessante e importante porque permite maior integração entre os calouros, ajudando a conhecer melhor os colegas ao longo da formação acadêmica, mas ineficaz na conscientização sobre drogas e alcoolismo, consideraram, ainda, que o grupo deixa a desejar em suas ações. De forma geral, os participantes consideraram a estratégia de discussão válida, incentivando o grupo em trabalhos de prevenção.

Para Durman, Dias e Stefanelli (2002), utilizar uma atividade lúdica como estratégia de trabalho pode estimular o desenvolvimento de reflexões críticas acerca de sua prática cotidiana.

Apesar de todo o conhecimento que os estudantes universitários da área da saúde possuem com relação às drogas, percebe-se que muitos desses se viciam, principalmente em álcool, durante a vida acadêmica. Os universitários vivem momentos difíceis, pois o estudante está saindo da adolescência e, todavia, não desenvolveu fatores protetores para suportar uma possível rejeição social ao negar um gole.

A questão da dependência química deve ser entendida sob a multiplicidade de fatores – biológicos, sociais, econômicos e psicológicos –, o que leva a equipe do programa a abordar a dependência química como sendo determinada pela condição na qual o dependente químico se encontra, e não pela vontade do sujeito. No cotidiano, o universitário sente a necessidade de inserir-se em algum grupo social, em função da suscetibilidade gerada pela sua saída de casa, solidão, ausência de amigos, dificuldades financeiras e choque cultural. Para tanto, lança mão dos mais variados artifícios para sentir-se partícipe de um grupo.

Nesse contexto, emergiram comentários como: “apoiar-se nos momentos difíceis em outras coisas que não drogas que, além de fazer mal, são soluções passageiras”. Ou “Ainda por maior que o problema pareça ser, se olharmos bem, encontraremos novas soluções. Não se pode deixar que os problemas atrapalhem nossas vidas, é preciso buscar soluções sem se deixar abalar”. “Cada indivíduo tem o direito de saber e decidir o que é melhor para si dando destaque aos valores sociais e morais, o que pode e não pode, para uma convivência sadia com a sociedade”.

Segundo Ferroni et al. (2000), independente do perfil do indivíduo, todos acreditam que têm domínio de sua vontade, verbalizando que são capazes de controlar o uso lícito e/ou ilícito, no momento que assim desejar. Isso nem sempre ocorre, pois chega um momento em que passam a utilizar a droga para sentir determinado efeito e voltam a buscá-la para que o organismo continue a funcionar adequadamente.

Ouvimos discussões do tipo: “é de fundamental importância que tenhamos uma opinião questionadora antes de aceitar tudo ou antes de experimentar, porque, às vezes, não tem volta, temos que saber fazer escolhas; tudo tem um limite, exceto para as drogas. Elas vão surgindo e, de repente, você já está dentro. A necessidade maior, hoje em dia, é o auto-domínio, e o que se guarda dessa vivência é que determinadas coisas não fazem mal, desde que usadas com moderação”.

Sabemos que o uso de drogas lícitas e/ou ilícitas apresenta repercussões nas áreas biopsicossociais, ocasionando baixo desempenho funcional, dificuldade de ensino e aprendizagem, absentismo, problemas de relacionamento interpessoal, doenças físicas, distúrbios psíquicos e sociais, desorganização familiar, criminalidade, instabilidade financeira emocional, entre outros.

Em momentos da discussão, surgiram comentários como, por exemplo: “as drogas e seus efeitos nocivos trazem a dependência química, física e emocional, além de retirar perspectivas futuras, agredindo a convivência social e familiar. Independente da droga, todas trazem danos à saúde”. Outro comentário em relação às discussões foi a questão de não fugir da realidade, mas enfrentar os problemas com total consciência, e por maiores que sejam os problemas, podem ser minimizados, se enfrentados com lucidez.

## Conclusões

Esta atividade vem subsidiar o programa de prevenção e ressocialização referente ao uso de substâncias psicoativas na Unioeste, que propõe o desenvolvimento de atividades que instrumentalizem o grupo de trabalho para reflexões voltadas à população acadêmica em relação a substâncias psicoativas na universidade.

Dessa forma, possibilita a melhoria da qualidade de vida do futuro profissional de saúde e também a ampliação de uma rede de prevenção em drogas na população geral da Universidade.

Vivemos em uma sociedade conturbada e competitiva, que nos leva a uma busca de satisfação imediata, amenizando os sentimentos que provocam ansiedade e medo. Assim, o ser humano usa de mecanismos como drogas lícitas e/ou ilícitas para suportar as sensações e emoções inerentes a esta vida estressante.

No meio universitário, não é diferente, pois o stress gerado por inúmeras exigências do ano letivo pode ser sugestivo ao uso de algum tipo de droga para amenizar este sofrimento.

Conforme já comentado anteriormente, esses acadêmicos vêm, em sua maioria, de instituições de ensino secundário; muitos já ouviram a expressão “prevenção em drogas” e estão saturados de recursos como palestras, por exemplo, para abordar o assunto. Em função disso, emergiu a idéia de lançar mão de dinâmicas de grupos que pudessem trazer à tona o dia-a-dia destes universitários e, assim, pudéssemos discutir suas dúvidas, preconceitos, conceitos sobre uso de drogas lícitas e/ou ilícitas.

Segundo Holzmann (1998), nos trabalhos por meio de jogos, emergem valores, idéias e sentimentos. Para Antunes (1995), as técnicas de dinâmica de grupo, em qualquer de suas especificações, devem ser aplicadas quando se busca estabelecer, em bases definitivas, uma filosofia formativa que se pretende imprimir com o grupo. E, acima de tudo, quando se compreende que uma dinâmica não é uma poção mágica capaz de educar pessoas e alterar comportamentos, mas uma estratégia educacional, vivida na medida em que se insere em todo um processo, com uma filosofia amplamente discutida e objetivos claramente delineados.

É interessante ressaltar que ouvimos falas que nos fortalecem enquanto grupo que traba-

lha na prevenção, reforçando nosso empenho: é importante que tenhamos opinião própria e que questionemos antes de aceitar tudo; que é importante cultivar boas amizades, sabendo fazer nossas escolhas, sem fazer uso de bebidas alcoólicas ou outras drogas; que, em relação aos amigos, por menor que seja a ajuda, ela sempre será muito importante para a vida de quem precisa; que, durante a vida acadêmica, os alunos estão mais vulneráveis ao uso de drogas e que, nessas horas, é mais vantajoso procurar outros tipos de ajuda.

Ouve-se sempre falar o que é certo e o que é errado, mas os limites sempre são ultrapassados e as conseqüências sofridas deixam marcas indeléveis.

É importante ressaltar a importância deste trabalho, porque faz refletir para poder agir diferente nos primeiros períodos da faculdade, nessa nova fase das nossas vidas, respeitando as diferenças e particularidades de cada um e, ainda, não aceitar tudo.

O grupo de trabalho considera que a estratégia utilizada para abordagem deste assunto teve boa repercussão. Contudo, percebeu-se resistência de alguns acadêmicos em rever seus conceitos sobre o uso de substâncias lícitas e ilícitas, discordando desse método de abordagem.

Acreditamos que a prevenção é um dos caminhos indicados para trabalhar com os possíveis problemas que a droga venha causar no meio universitário e na vida destes futuros profissionais.

Porém, não somos ingênuos ao pensar que sensibilizaremos 100% dos acadêmicos, mas considerando a problemática enfrentada com as drogas, por menor que seja nosso alcance, poderemos fazer a diferença, pois trabalhar com prevenção e promoção da saúde é uma ação a longo prazo, sendo que o imediatismo leva a uma avaliação precipitada.

É interessante salientar que os acadêmicos valorizaram o fato de existir este programa dentro da universidade. Consideram, ainda, a importância de trabalhar o problema da droga de forma coletiva e não individualmente.

## Referências bibliográficas

- ANTUNES, C. *Manual de Técnicas de Dinâmica de Grupo de Sensibilização de Ludopedagogia*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COHEN, J. A. apud WALDOW, V. R. *Cuidado Humano: O resgate necessário*. Rio grande do Sul: Sagra Luzzatto, 1998.
- DURMAN, S.; DIAS, D. C. ; STEFANELLI, M. C. *Validação do Jogo Educativo para a Discussão da Comunicação*

*Terapêutica*. Revista eletrônica de Enfermagem, v. n. p.10-13, 2002. Disponível em [www.fen.ufg.br](http://www.fen.ufg.br)

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FERRONI, et al. *Drogas Fatos e Fantasia*. Revista Galileu. Ed. Globo: Rio de Janeiro, 2000.

HOLZMANN, M. E. F. *Jogar é preciso*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LOPES. *Adolescer, compreender, atuar e acolher. Projeto acolher*. Ed. Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília, 2001.

OSORIO, L.C. *Adolescente hoje*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PATERSON, B. ; CRAWFORD, M. *Caring in nursing education: na analysis*. Journal of Advancend Nursing. N. 19, p. 164-73, 1994.

TAYLOR, C.M. *Fundamentos da enfermagem psiquiátrica*. 13 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

WALDOW, V. R. *Cuidado Humano: O regate necessário*. Rio grande do Sul: Sagra Luzzatto, 1998.

*Prevention in Drugs: Maximizing Results Using Group Dynamics*

## Abstract

This work is one of the activities of the project "Instrumentalization of the academic Population of the Unioeste and relatives of freshmen related to psychoactive substances". It's financed with resources of the MEC/SESu and it's tied with the "Program of prevention and resocialization related to the use of psychoactive substances of the Unioeste". The team is composed by professors and students of the courses of nursing, medicine, social service and administrative technician servers of the University. By this way, actions of prevention are considered, using group dynamics with the freshmen where they will go to live of playful form, reflecting about the practical that can lead to the use of allowed and/or illicit substances. We believe that the prevention is the way to work with possible problems generated by the drugs. However, we are not ingenuous when thinking that we will sensitize 100% of the students, but considering the problematic faced with the drugs for minor who is our reach, we could be making the difference, therefore to work with prevention and promotion of the health is an action in the long run.

**Keywords:** prevention in drugs; group dynamics and students.

